

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional

Curso de Psicologia



Trabalho de Conclusão de Curso

**CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO PARA A INSERÇÃO DO
CONTEXTO DOS PACIENTES NO PROCESSO TERAPÊUTICO CLÍNICO
INDIVIDUAL**

Luciana Tadiello

Pelotas, 2019

Luciana Tadiello

**CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO PARA A INSERÇÃO DO
CONTEXTO DOS PACIENTES NO PROCESSO TERAPÊUTICO CLÍNICO
INDIVIDUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas, como requisito final à obtenção do título de Psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Jandilson Avelino da Silva

Co-orientador: Psicólogo Cid Pinheiro Farias

Pelotas, 2019

Luciana Tadiello

CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO PARA A INSERÇÃO DO
CONTEXTO DOS PACIENTES NO PROCESSO TERAPÊUTICO CLÍNICO
INDIVIDUAL

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito final para obtenção do grau de psicólogo pela Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 12/07/2019

Banca Examinadora:

.....
Jandilson Avelino da Silva (Orientador)

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

.....
Cid Pinheiro Farias (Co-orientador)

Psicólogo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

.....
Tiago Neuenfeld Munhoz

Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

Professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

.....
Cláudio Raul Drews Júnior

Mestre em Saúde e Comportamento pela Universidade Católica de Pelotas (UCPeI)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus por ter guiado meus passos, por abençoar minhas escolhas e por fortalecer minha fé nos momentos de dificuldade. Ao meu filho Nicolas, que é a mola propulsora para tudo o que faço, que acerta meu prumo para que eu não desvie dos objetivos que garantem o melhor para nós dois e que mesmo chorando pela minha ausência, sempre ao chegar em casa me abraçava, me acolhia com seus olhinhos cheios de carinho e com seu sorriso ao me ver chegar, dizendo “mamãe!”.

Aos meus familiares que, mesmo às vezes não compreendendo minhas escolhas, sei do amor deles por mim e que torcem para que dê tudo certo. Agradeço aos meus amigos que sempre me deram força quando compartilhavam comigo seu tempo e sua alegria e que, mesmo que eu não respondesse suas mensagens, sempre compreenderam os motivos pelos quais não ia curtir festa com eles.

Agradeço, especialmente, ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, que surgiu como uma oportunidade de crescimento pessoal e intelectual, além de me proporcionar ferramentas e conhecimentos para minha futura atuação como Psicóloga. Ao meu orientador Jandilson, um professor com um conhecimento ímpar, mas de uma humildade incrível ao ensinar, que me encantou com seu jeito paraibano de ser e que soube, entre afagos fofos e críticas necessárias, me guiar neste percurso acadêmico, em especial neste momento final da graduação. Ao Cid, que surgiu como um anjo nas madrugadas difíceis de leitura e de confusão de ideias, que foi generoso em achar um espacinho no seu tempo apertado pra me chacoalhar e alinhar meus pensamentos com meus objetivos.

Agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma ou outra, proporcionaram algum carinho, experiência ou opinião que agregaram de forma positiva a história da minha vida pessoal, profissional ou acadêmica. Estarão sempre nas minhas orações!

RESUMO

Esse estudo trata-se de uma revisão narrativa da literatura que traz uma discussão de conceitos que destacam a importância do contexto para aquisição de repertório comportamental, apresentando, desse modo, contribuições da análise do comportamento para a inserção do contexto dos pacientes no processo terapêutico clínico individual, por meio do modelo de seleção por consequências. Ressalta-se no presente estudo de que forma uma cultura se constitui e, advinda dela, práticas culturais que impactam nos comportamentos individuais e sociais. Utilizando os fundamentos da análise do comportamento, pretendeu-se traçar um paralelo contextual entre cultura e grupo familiar, ressaltando a relevância da funcionalidade das consequências produzidas por meio das contingências comportamentais entrelaçadas e das metacontingências. A soma das práticas culturais construídas por uma comunidade com a interação organismo/meio, resultam em padrões comportamentais reproduzidos tanto individualmente quanto em grupo possibilitando a análise funcional dos comportamentos e o treino de habilidades sociais como ferramentas de intervenção terapêutica, no intuito de promover bem-estar do indivíduo e do meio no qual está inserido.

Palavras-Chave: análise do comportamento; behaviorismo radical; família; metacontingência.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
MÉTODO.....	6
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	7
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
REFERÊNCIAS.....	16

INTRODUÇÃO

O behaviorismo radical entende o comportamento como resultado de uma seleção por consequências. Dessa forma, ele se constrói de modo relacional nas interações entre organismo e meio que se dão em níveis filogenéticos, ontogenéticos e culturais (SKINNER, 2007).

Do ponto de vista clínico, a Terapia Analítico Comportamental (TAC), fundamentada nessa filosofia, tem como principal interesse os níveis ontogenéticos e culturais, sendo esses níveis mais determinantes sobre os comportamentos passíveis de modificação dentro de um repertório individual. Dentre os diversos contextos ambientais em que os clientes participam, existem aqueles que tendem a exercer maior controle, como é o caso do grupo familiar (SIDMAN, ANDERY & SÉRIO, 1995; NAVES & VASCONCELOS, 2012).

Segundo Skinner (1981), nos níveis ontogenético e cultural, encontram-se as variáveis responsáveis pela aprendizagem, vivências e padrões de regras de convivência, que se correlacionam muito diretamente com o ambiente familiar. A família corresponde a uma unidade social de controle responsável pela modelagem comportamental do indivíduo, e servindo de modelo para a relação desse organismo com unidades sociais mais amplas, perpetuando um modelo de relação contingencial (TELFORD & SAWREY, 1988). Grande parte do histórico de aprendizagem do indivíduo estará relacionado de alguma forma com o seu ambiente familiar (LUCYSHYN, ALBIN & NIXON, 1997).

Problemas clínicos comumente trazidos pelos clientes, como, inabilidade social, inabilidade de tato (self), comportamentos desadaptativos governado por regras, entre outros, exigem um estudo detalhado da relação atual e pregressa das relações contingenciais atuantes no meio familiar. Quando se trata de psicoterapia infantil a importância da psicoeducação familiar se torna ainda mais importante, uma vez que o trabalho de contingenciamento deverá ter a participação ativa dos pais e/ou cuidadores (CIA et al., 2006; ROCHA, 2014).

Segundo Mattaini (1999/2001) *“O estudo do comportamento humano e das relações entre os indivíduos podem ser feitos em três eixos distintos de análise, considerando o indivíduo como: isolado do seu ambiente social, inserido no meio familiar ou inserido em um contexto social mais amplo”*.

Ademais, o meio familiar é provavelmente o contexto mais comum a grande maioria dos indivíduos. É nele que o indivíduo inicia seu desenvolvimento e começa a formar suas práticas culturais, inerentes ao ambiente no qual está inserido (NAVES, 2008).

Existem diversos conceitos de família, baseados em questões antropológicas, políticas, legais, estatísticas, entre outras, que partem de aspectos diferentes. Contudo, o ambiente familiar é sempre onde o indivíduo reconhece um espaço de convivência mais íntimo e privado, cujas regras são construídas ao longo do tempo pelos membros que a constituem. Outro fator a ser levado em consideração, é que a configuração familiar está em transformação e já não existe mais um padrão entre os membros que constituem uma família (OLIVEIRA & NASCIMENTO, 2015; NAVES & VASCONCELOS, 2012).

O ambiente familiar contingencia o comportamento dos indivíduos por meio de diversos mecanismos. É a partir do modelo familiar que o indivíduo experiencia seu primeiro contato com a cultura e seus valores, estabelecida em uma molaridade de entrelaçamentos contingenciais, o que na análise do comportamento pode ser chamado de metacontingência, uma unidade de análise no nível cultural, estabelecida pela relação entre práticas culturais e suas consequências (SAMPAIO & ANDERY, 2010; TEIXEIRA JUNIOR & DIAS, 2005). Esse conceito foi primeiramente proposto por Sigrid S. Glenn (1986), uma pesquisadora americana que deu ênfase a relevância da questão cultural na constituição dos indivíduos que convivem no mesmo ambiente. O estudo da metacontingência é importante uma vez que promove tanto uma ampliação do estudo de um indivíduo social, quanto em plano funcional de valores culturais, sendo relevante para a observância das contingências relacionais específicas daquele contexto, que se tornarão padrões comportamentais aprendidos e reforçados para além da interação organismo/meio (GUSSO & KUBO, 2007).

Igualmente importante, o conceito de comportamento social se refere ao comportamento de duas ou mais pessoas em relação à outra ou em conjunto, em relação a um ambiente comum (TEIXEIRA Jr, de SOUZA & DIAS, 2005). A conexão entre eles está no fato de que padrões comportamentais vão se construindo por reforçamento na interação familiar. Em um primeiro momento esses comportamentos são respondentes e com o tempo vão se tornando um condicionamento operante, que é o processo pelo qual um comportamento tem sua frequência alterada devido às consequências passadas desta ação (ALBUQUERQUE, 2013; LEMES, BUENO & BUENO, 2011).

A interrelação entre operantes de uma metacontingência, considerando que cada um deles provoca individualmente uma consequência única e imediata, resulta a longo prazo em uma consequência comum a todos eles, ou seja, gerando comportamentos entrelaçados dos quais derivam produtos agregados, que são consequentemente o retrato da construção cultural produzida por este grupo familiar. Pode-se observar que, dessa forma, são criadas as regras de convivência de uma família, pois os indivíduos vão interagindo e estabelecendo sua dinâmica comportamental, praticamente como um contrato de direitos e deveres a serem seguidos para que haja equilíbrio entre os membros que a compõem, que pode ser harmonioso ou não (NAVES, 2008).

O processo clínico visa compreensão da funcionalidade comportamental e o *status* adaptativo do indivíduo no mundo, isto é, a relação particular com sua realidade contextual e metacontingencial. Dessa forma, torna-se fundamental a compreensão das interações familiares sobre o comportamento humano. Nesse sentido, o presente estudo propõe-se a realizar uma revisão narrativa da literatura tendo como objetivo recuperar produções que tratem do contexto familiar e suas implicações clínicas a luz da análise do comportamento.

MÉTODO

O presente estudo se trata de uma revisão narrativa da literatura realizada a partir da busca em plataformas digitais como Scientific Electronic Library Online (Scielo) e Google Scholar, utilizando os descritores “*família*”, “*análise do comportamento*”, “*behaviorismo radical*” e “*metacontingência*”. Incluíram-se nesse

estudo artigos acadêmicos que abordem o tema família e análise do comportamento, disponíveis em português, espanhol ou inglês.

A construção da argumentação para resolução do objetivo inicial do estudo teve como base os dados coletados nas referências selecionadas com a proposta de enfatizar a importância do contexto familiar ao processo clínico, buscando formas de integrá-lo ao atendimento individualizado. Para tanto, utilizou-se a análise do comportamento para fundamentar o princípio de que o indivíduo se comporta e é constituído pela sua interação com o ambiente e suas experiências no convívio social, sobretudo familiar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este trabalho tem por objetivo analisar as contribuições da análise do comportamento para intervenções contextuais de pacientes em psicoterapia. Para isto, é importante compreender de que forma os comportamentos são aprendidos e se faz necessário a compreensão de algumas considerações e conceitos sobre como ocorre a interação familiar, de que forma a cultura de determinado meio influencia na aquisição de comportamentos, nas regras que são estabelecidas e que se tornam parte de um ambiente compartilhado por um grupo de indivíduos e, o mais importante, qual a funcionalidade dos padrões comportamentais que são reforçados pelas consequências (saudáveis ou não) geradas por eles.

O conceito fundamental da Análise do Comportamento é que os comportamentos são frutos da interação entre organismo e meio. Na tríplice contingência ($S^d: R - S'$), a variável contexto/meio é representada como estímulo discriminativo, que antecede o comportamento, mas também pode ser a consequência que reforça a probabilidade de que um comportamento ocorra novamente. Sendo assim, analisando o meio compartilhado por um grupo familiar, serão mapeados diversos aspectos inerentes a ele, como dinâmica familiar, hierarquias, regras, entre muitos outros fatores que podem ser operacionalizados e analisados funcionalmente para compreender o que reforça e mantém estes padrões comportamentais. Ou seja, o contexto é a variável que mais influencia nas respostas que são eliciadas a partir dele, sendo fundamental a observação das contingências individuais e também aquelas compartilhadas por vários indivíduos.

É considerado contexto todo e qualquer meio, externo ou inerente ao indivíduo, que forneça estímulos que ativam alguma resposta, que poderá ser no nível público, que seria alguma reação emitida e percebida externamente de alguma forma, seja de modo privado, que provoca comportamentos imperceptíveis para outras pessoas, em forma de pensamentos, sentimentos, emoções, sensações ou sintomas fisiológicos. Desta forma, o contexto e todas as características que fazem parte dele são responsáveis por eliciar comportamento/resposta, que inevitavelmente produzirá alguma consequência ou várias.

O grupo familiar é, geralmente, o meio mais compartilhado pelos indivíduos, sendo assim, fator determinante na aquisição de repertório comportamental, nos âmbitos individual e social. Os comportamentos de um indivíduo influenciam no comportamento do grupo e vice-versa, e através dessa interação vão se estabelecendo consequências que podem tanto promover bem-estar a seus membros, como gerar conflitos e contingências desadaptativas que alteram o equilíbrio deste ambiente. Somando-se a convivência e a repetição de práticas e comportamentos, vão se estabelecendo padrões que serão transmitidos culturalmente de geração a geração, fazendo com que suas características se perpetuem ao longo do tempo e produzindo influência na produção de regras de convivência e padrões comportamentais compartilhados pelos seus membros (Woelz, 2015)

O início de uma cultura acontece quando o conteúdo comportamental que é aprendido por um indivíduo por toda sua vida é propagado para outros indivíduos, que o acrescenta a seus repertórios. Através de uma cultura, cuja construção é complexa e engloba inúmeros fenômenos distintos a cada uma delas, vão surgindo padrões comportamentais similares entre seus membros, tanto pela proximidade ambiental quanto pela convivência e compartilhamento de conhecimentos adquiridos através de vivências e também através da aquisição histórica das gerações que a antecederam. Daí surgem práticas culturais distintas que identificam uma comunidade e produzem consequências para todos os indivíduos que fazem parte dela (Glenn, 2015).

A aquisição de repertório comportamental de cada indivíduo é composta filogeneticamente, através de complexos comportamentais relacionados a genética, chamados de comportamentos respondentes, e ontogeneticamente pela aprendizagem de novos comportamentos ao longo de sua vida, chamados de

comportamentos operantes. Portanto, membros de uma mesma comunidade constroem sua cultura por similaridades em diversos aspectos, tais como características genéticas, compartilhamento do mesmo ambiente e do meio construído socialmente (Julio, 2008). Os indivíduos podem dividir o mesmo meio e compartilhar das mesmas vivências, porém suas experiências serão distintas, conforme a construção individual da subjetividade na interação com o ambiente. Sendo assim, mesmo que haja uma similaridade de contextos, deles surgirão tanto comportamentos sociais como individuais.

Os comportamentos, em sua grande maioria, são aprendidos em ambientes sociais, na convivência com outras pessoas (Glenn, 1991). Os fundamentos da análise do comportamento de Skinner (2007) corroboram, afirmando que o comportamento é determinado através das interações entre o ambiente no qual vive e o convívio com outros organismos, e acrescenta dizendo que a aprendizagem de comportamentos acontece por controle verbal, imitação ou modelação. Ocorre modelação quando um organismo é exposto a forma como outros se comportam e entra em contato com consequências reforçadoras que mantêm tal comportamento. Conseqüentemente, a propagação desses comportamentos em uma sociedade, estabelece um comportamento social distinto, determinando seleções e variações das práticas culturais (Woelz, 2015). Estas práticas, identificam uma cultura através de características peculiares a ela, através de costumes e crenças que são cultivados em função de muitos fatores, geográficos, demográficos, antropológicos, etnológicos, religiosos, ideológicos, etc., os quais farão parte de sua construção e lhe trarão identidade única.

Em uma cultura, a seleção dos comportamentos é operante, o que significa dizer que é determinada pela função de suas consequências. É um conceito bem complexo e dinâmico, pois na interação organismo/ambiente existe uma produção cumulativa e contínua de mudanças dos comportamentos humanos sobre seus ambientes, demandando ajustes comportamentais constantes. A aquisição e manutenção do comportamento aprendido depende das contingências de reforço, as quais serão responsáveis pela transmissão dos comportamentos para próximas gerações, se tornando práticas culturais daquele ambiente (Glenn, 2015). Reforçadores em uma cultura são representados por interesses compartilhados pelos seus membros que faz com que alguns comportamentos e práticas se mantenham em função deles, pois os resultados das consequências geram de

algum modo a sobrevivência das práticas culturais e sobretudo do grupo em si (Carrara, 2016).

Desta relação entre práticas culturais e suas consequências, deriva o conceito de metacontingência, o qual, segundo sua proponente Glenn (1986/2005), “descreve a relação funcional entre uma classe de operantes, cada operante possuindo sua própria consequência imediata e única, e uma consequência a longo prazo comum a todos os operantes que pertencem a metacontingência”. Ou seja, as relações funcionais são contingências comportamentais entrelaçadas, que constituem sistemas de seleção de repertórios comportamentais que vão além de comportamentos operantes individuais, derivando delas produtos agregados e consequências culturais (Woelz, 2015). Essas cadeias de contingências comportamentais entrelaçadas, podem se formar a partir do comportamento de alguns indivíduos, que por sua vez funcionam como ambiente para outros e assim sucessivamente (Malott & Glenn, 2006).

A seleção das práticas culturais através de contingências entrelaçadas pode vir da necessidade de gerar resultado/produto cuja execução por um único membro não seria alcançada, ocorrendo mais efetivamente mediante ações em conjunto de mais membros. Através dessa dinâmica de seleção das contingências que estabelecem a identidade de uma cultura e a partir da observância de seus resultados (benéficos ou não), a transmissão cultural pode se manter, modificar ou desaparecer. A manutenção da cultura também dependerá de contingências de reforçamento e da maneira que será transmitida para outras gerações (Carrara, 2016).

Um dos fatores mais importantes para seleção das contingências comportamentais entrelaçadas é o produto agregado, responsável por gerar consequências que mantêm um comportamento, que funcionalmente representa alguma vantagem de subsistência de uma prática cultural ou de uma comunidade (Carrara, 2016). Segundo Skinner (1981), o processo de seleção por consequências começa no âmbito individual, porém a evolução cultural ocorre no momento em que o grupo seleciona os efeitos reforçadores que incidem sobre ele, e não mais as consequências individuais para seus membros. Contextualizado em um ambiente cultural, o produto agregado pode estar na forma de valores religiosos, tradições familiares, leis governamentais entre outros (Naves, 2008). Pode também serem

regras de convivência ou comportamento estabelecidos em determinada cultura, cuja consequência tenha relevância para sua aplicação (Albuquerque et al, 2013).

Partindo de todas essas premissas, pode-se constatar que todos os fenômenos do meio no qual um indivíduo vive têm influência sobre a forma com que ele se comporta (e vice-versa), e que o fator mais preponderante é a compreensão da funcionalidade advinda das consequências culturais. À luz da Análise do Comportamento, a observação e análise funcional destes fenômenos de um grupo de pessoas, neste caso em específico de um grupo familiar, produzirão padrões comportamentais que identificam a dinâmica entre seus membros e quais consequências reforçadoras mantêm comportamentos, adaptativos ou não. O mais importante a ser analisado, é qual a função de se manter ou alterar as características específicas de um grupo, tipificadas sob práticas culturais distintas e que se alteram de forma dinâmica por meio do entrelaçamento de contingências e comportamento. Sobretudo, evidenciar de que forma este grupo age diante resolução de problemas, pois o sucesso destas ações promove a evolução de sua cultura, e não as consequências reforçadoras (Carrara, 2016).

Quanto ao modelo de seleção pelas consequências, deve-se confrontar duas possibilidades: sobre o comportamento do indivíduo no grupo ou sobre o comportamento do grupo. Estas suposições geram dúvidas de onde centralizar a análise, no indivíduo ou no grupo. Para Skinner (2003), o indivíduo se comporta, partindo dele como unidade de análise. Em *Ciência e Comportamento Humano* complementa, afirmando que “o grupo age como uma unidade na medida em que seus membros são afetados do mesmo modo pelo indivíduo”.

Correlacionando as informações obtidas e apresentadas acerca de como são aprendidos e mantidos comportamentos comuns a membros inseridos em uma cultura, composta por grande número de pessoas, é possível pensar na utilização dos mesmos conceitos e da análise da funcionalidade aplicada a eles para um grupo familiar, com o intuito de observar os padrões comportamentais advindos das contingências compartilhadas nele. Ou seja, da mesma forma que a cultura de um povo é composta de variáveis distintas que a identificam e são observáveis e passíveis de análise, os mesmos critérios podem ser utilizados para um conjunto de indivíduos menor, como um grupo familiar. Este também terá suas características classificáveis que valerão como material a ser analisado, pensando nas formas de interação que ocorrem no ambiente adjacente a seus membros e as implicações dos

comportamentos apresentados neste meio. Através dos dados coletados, seria possível mapear o grupo familiar, observar as contingências presentes nele e, posteriormente, elaborar possíveis intervenções que auxiliassem na resolução de conflitos ou problemas que emergem das relações de convivência, bem como reforçar práticas e comportamentos que sejam favoráveis na promoção do bem-estar dos seus membros (Weber, Salvador & Brandenburg, 2006).

É fundamental para a sobrevivência de um grupo, a busca do bem-estar coletivo e individual, que é fruto da função que os produtos das contingências comportamentais entrelaçadas geram, os quais são responsáveis por manter ou promover mudanças nas práticas culturais. Portanto, devem ser analisadas as contingências e metacontingências que afetam um produto, se sua funcionalidade traz consequências positivas ou negativas para os indivíduos e, sobretudo, a probabilidade de reforça-lo, muda-lo ou extingui-lo, conforme os interesses do grupo. A partir desta análise, é possível propor mudanças para que a seleção de comportamentos seja em prol de estabelecer práticas saudáveis para todos e para que os objetivos coletivos e individuais estejam em consonância e promovam harmonia na convivência social (Glenn, 2015).

Pensando em estratégias possíveis para observação, análise e intervenção, embasadas na prática clínica pautada na Análise do Comportamento, é de fundamental importância a maneira como ocorrem as interações sociais dos indivíduos e como se comportam frente a elas. O convívio social tem extrema relevância na transmissão e aquisição de repertório comportamental, pois estabelece a interdependência entre desenvolvimento humano e social. É nas relações que os indivíduos se tornam seres sociais e se apropriam da cultura que é repassada de geração em geração e também, através desta mediação, conseguem selecionar as práticas que agregam ou não a sua subsistência. Partindo deste princípio, é evidente a importância das habilidades sociais para convivência, pois aprimora a comunicação entre os membros que convivem na mesma comunidade e facilita a resolução de problemas e também a seleção de consequências, a curto e longo prazo, que sejam mais positivas e efetivas (Del Prette & Del Prette, 2010).

Em um grupo familiar, a transmissão de comportamentos ocorre mediante práticas educativas. Na interação com os filhos, os pais servem de exemplo, e seus comportamentos denotam seus conceitos sobre moral e valores. Diversos aspectos na interação familiar são relevantes para se estabelecer quais comportamentos são

transmitidos e apropriados de forma positiva ou negativa, tais como clima conjugal, relacionamento afetivo, comunicação, envolvimento, sentimento, regras e monitoria, modelo e punição corporal. Esses critérios foram adotados por Weber, Salvador & Brandenburg (2006) quando elaboraram o instrumento Escalas de Qualidade na Interação Familiar (EQIF), no intuito de realizar estudos sobre práticas educativas parentais, considerando que a interação familiar (entre o casal/entre pais e filhos) é a grande responsável pela construção de repertório comportamental.

Os resultados obtidos e apresentados através desta escala são bem consistentes, principalmente no que se refere a intergeracionalidade, que apresentou um resultado de 95,8% na transmissão de valores entre três gerações, ou seja, netas replicando comportamentos de suas avós. Segundo as autoras do instrumento, “É muito importante levar o conhecimento científico a quem mais precisa deles: os pais! A partir do momento em que os pais são capacitados a discriminar e modificar seus próprios comportamentos e variáveis que os controlam, a família sofre transformações positivas no seu padrão de interação e os filhos são indireta e positivamente atingidos.” Sendo assim, a partir da elaboração do instrumento e sob a luz dos resultados consistentes e observáveis, suas propositoras também desenvolveram o Programa de Qualidade na Interação Familiar (PQIF), no qual estabeleceram que a aplicação para seus participantes deveria ocorrer em “oito encontros semanais com os seguintes temas: (1) princípios de aprendizagem; (2) relacionamento afetivo e envolvimento; (3) regras e limites; (4) reforçamento; (5) punições; (6) voltando no tempo, (7) autoconhecimento e modelo, (8) fechamento.”

Através deste exemplo de intervenção, denota a importância de se trabalhar o contexto familiar, através de treino de habilidades sociais e/ou treino de pais, levando em consideração que a alteração no controle dos reforçadores dos pais sobre os filhos gera mudanças nas contingências ambientais que, conseqüentemente promovem alterações nos comportamentos aprendidos e replicados (Weber, Salvador e Brandenburg, 2006). Sendo assim, pode-se concluir que a intervenção eficaz dos pais reflete diretamente na forma com que os filhos irão se modelar e se comportar, fazendo com que possam ser identificados quais comportamentos podem ser modificados ou mantidos, com o objetivo de melhorar a forma de educar e de se relacionar no meio familiar, pensando em evitar futuramente comportamentos desadaptativos e também fortalecendo um ambiente saudável de

interação e aprendizado para todos. Desta forma, promovendo alterações significativas no comportamento individual que, posteriormente, surtirá efeitos mais abrangentes, ampliado e reproduzido em um ambiente social.

As habilidades sociais, ao serem consideradas como meio de intervenção nos níveis de seleção ontogenético e cultural, se referem a interações entre duas ou mais pessoas que, através das respostas antecedentes ou consequentes geradas nesta interrelação, promovem relações funcionais alternadas e dinâmicas (Del Prette & Del Prette, 2010). Desta forma, as contingências comportamentais entrelaçadas produzem padrões de relacionamento interpessoais, que vão sendo construídos ao longo do tempo e atravessados pelas contingências ambientais. Através destas interações, vão se estabelecendo repertórios comportamentais, que podem ser bem estruturados e articulados, como também podem ser empobrecidos como resultado de aprendizagem e vivência limitadas ou disfuncionais.

No contexto clínico, é importante propor a aquisição de um repertório comportamental mais variado, que promova a possibilidade de mudanças de comportamentos, cuja funcionalidade não esteja em consonância com a consequência desejada. Através da observação e controle das contingências de comportamentos individuais, por meio de análises funcionais das demandas trazidas em psicoterapia, é possível identificar quais consequências refletem comportamentos ou padrões comportamentais que trazem prejuízo na saúde psíquica do indivíduo e, conseqüentemente, no meio social no qual se insere e interage dinamicamente (Del Prette & Del Prette, 2010).

O treino de habilidades sociais surge como estratégia possível de intervenção terapêutica e de mudança social, visto que promove aprimoramento individual como reestruturação comportamental mais adaptativa e saudável, e ainda tem caráter coletivo através do reflexo direto ou indireto nas interações sociais. Se constituem consequências que são reforçadoras para a manutenção de relações de empatia e senso de coletividade, pois através da possibilidade de bem-estar e autoconhecimento do indivíduo no processo terapêutico, a intenção e a consequência inevitável serão o impacto no ambiente ao seu redor. Ademais, implica em consequências culturais e sobrevivência individual e grupal, ao se considerar a contribuição que as habilidades sociais promovem de forma consistente e com capacidade de amplificar sua abrangência fora ambiente terapêutico.

Sendo assim, após o mapeamento de conceitos e constructos, teóricos e práticos fundamentados na Análise do Comportamento, foi possível a construção de uma dinâmica rede de interações e interrelações, que perpassam pela contextualização histórica e cultural, sob as quais, formas de comportamento vão se estabelecendo ao longo de gerações. A partir delas, pode-se observar os impactos produzidos, individual e coletivamente, que refletem o retrato da construção cultural representada por práticas distintas, que identificam um povo e que deixa sua marca inconfundível na história de uma sociedade. Portanto, pode-se afirmar que a Análise do Comportamento fornece subsídios capazes de intervenção eficaz no atendimento clínico, podendo ser ampliado contextualmente, visto que os resultados obtidos no processo terapêutico tem reflexos mais abrangentes, pois os indivíduos adquirem, mantêm ou reproduzem comportamentos em constante dinamismo e alternância oriunda da interação com o meio/ambiente ao qual se expõe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a compreensão do indivíduo e de sua subjetividade é necessária uma observação mais ampla dos aspectos culturais e sociais que contribuíram para a aquisição dos seus repertórios comportamentais. É na interação organismo/meio que se estabelecem as contingências comportamentais.

Dessa forma, a abordagem analítico-comportamental fornece ferramentas necessárias para observação, análise e intervenção eficazes nas demandas trazidas em psicoterapia pelos pacientes em atendimentos individuais, mas ao mesmo tempo evidencia a importância de outros níveis de seleção dos comportamentos, a exemplo do aspecto cultural. Ou seja, o fator histórico-cultural é de fundamental importância para compreender quais antecedentes serviram para o estabelecimento de determinados comportamentos e, sobretudo, a função que reforça a probabilidade de que ocorram novamente.

Nesse sentido, essa discussão corrobora a possibilidade de intervenções ampliadas mesmo na clínica. A partir do momento que em psicoterapia o paciente identifica aspectos do seu contexto, principalmente de seu grupo familiar, como fenômenos responsáveis pela seleção de seus comportamentos, o processo terapêutico promove mudanças no indivíduo que repercutirão no seu convívio social.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, L. C. et al. Variáveis combinadas, comportamento governado por regras e comportamento modelado por contingências. **Acta comport.**, v. 21, n. 3, 2013.

CIA, F. et al. Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filhos. **Psicologia em estudo**, v. 11, n. 1, 2006.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais e análise do comportamento: Proximidade histórica e atualidades. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 1, n. 2, 2010.

GUSSO, H. L.; KUBO, O. M. O conceito de cultura: Afinal, a “jovem” metacontingência é necessária?. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, v. 9, n. 1, 2007.

HAYES, S. C.; HAYES, L. J. Some clinical implications of contextualistic behaviorism: The example of cognition. **Behavior Therapy**, v. 23, n. 2, 1992.

JULIO, F. M. **Identificação de relação de metacontingência e macrocontingência, conforme os critérios propostos por Malott e Glenn (2006)**. 2008. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Experimental, Análise do Comportamento, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEMES, A. C.; BUENO, G. N.; BUENO, L. N. Família: ambiente favorecedor ao comportamento governado por regras. In: PESSÔA, C. V. B. B.; COSTA, C. E.; BENVENUTI, M. F. (Org.). **Comportamento em foco**. São Paulo: ABPMC, 2011.

LUCYSHYN, J. M.; ALBIN, R. W.; NIXON, C. D. Embedding comprehensive behavioral support in family ecology: An experimental, single case analysis. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 65, n. 2, 1997.

NAVES, A. R. C. X. **Contingências e Metacontingências Familiares: Um Estudo**

Exploratório. 2008. 70 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

NAVES, A. R. C. X.; VASCONCELOS, L. A. Análise de Interações Familiares: Um Estudo de Caso. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, n. 2, 2013.

OLIVEIRA, C. V. M.; NASCIMENTO, R. S. L. R. P. **A Família na Atualidade: Novo conceito de família, novas formações e o papel do IBDFAM (Instituto Brasileiro de Direito de Família)**. Aracaju: Unit, 2015.

ROCHA, G. V. M. Práticas parentais e desenvolvimento do self: observações para intervenção junto a famílias “disfuncionais”. **Sobre Comportamento e Cognição**, v. 14, 2004.

SAMPAIO, A. A. S.; ANDERY, M. A. P. A. Comportamento social, produção agregada e prática cultural: uma análise comportamental de fenômenos sociais. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 1, 2010.

SIDMAN, M.; ANDERY, M. A.; SÉRIO, T. M. **Coerção e suas implicações**. Editorial Psy, 1995.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SKINNER, B. F. Seleção por consequências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 9, n. 1, 2007.

TEIXEIRA JUNIOR, R. R.; SOUZA, M. A.; DIAS, M. F. **Vocabulário de análise do comportamento**, 2005.

TELFORD, C. W.; SAWREY, J. M. **O indivíduo excepcional**, 1988.

WEBER, L. N. D.; SALVADOR, A. P. V.; BRANDENBURG, O. J. Medindo e promovendo qualidade na interação familiar. In: H. GUILHARDI; A. AGUIRRE. **Sobre Comportamento e Cognição**. Santo André: Esetec, 2006.